



Documento final

Brasília, 13 de setembro de 2023.

Nós, mulheres indígenas, dos 06 Biomas Brasileiros, organizadas como mulheres terras, raízes, águas e sementes, presentes na III Marcha das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade entre 11 e 13 de setembro de 2023, recebemos na nossa articulação mais de 08 mil mulheres indígenas de mais de 247 povos originários do Brasil, além de 18 povos originários internacionais no território sagrado do Bioma Cerrado de Brasília.

Nesses três dias, nos encontramos e nos reencontramos para discutir as pautas que foram trazidas na construção da marcha e na pré-marcha realizadas no final de fevereiro de 2023. Para nós, esse momento representa nossa força, nossa conexão com as nossas ancestralidades, como indígenas mulheres, presentes para defender nossos corpos territórios e para dizer #NÃOAOMARCOTEMPORAL.

Aqui apresentamos os nossos debates e reivindicações:

- **Reflorestarmentes:** Nós, mulheres guerreiras da ancestralidade, afirmamos a importância de reflorestar as mentes, pois toda ação antecede na mente e a mudança de mentalidade tem que acontecer, com o enraizamento dos valores ancestrais. Precisamos plantar: Semente do amor; Semente do corpo-território; Sementes da língua; Sementes dos rios; Sementes das culturas; Sementes da ancestralidade; Sementes das crianças e Sementes dos alimentos.
- **Biodiversidade:** Para nós mulheres indígenas que compõem a rede da articulação nacional das mulheres indígenas guerreiras da ancestralidade, a biodiversidade não se separa do território e a demarcação das terras é fundamental na preservação dos povos, das diversidades, dos biomas e das ancestralidades. Nós mulheres biomas somos o território, somos a própria a biodiversidade, somos humanos, plantas, terra, bichos, água. Sem território, não tem educação, não tem cultura, não tem alimento, não tem saúde, sem território não tem vida. Com nossos corpos territórios fazemos o monitoramento dos nossos Biomas, a manutenção das nossas culturas, com as nossas guardiãs de sementes, com o reflorestamento e proteção das nossas florestas. A nossa biodiversidade está sendo protegida quando escutamos as mulheres raízes, nossas mais velhas e nossas ancestrais, quando escutamos nosso sagrado. Estamos sofrendo com as invasões de nossos territórios, com os madeireiros, com os mineradores, com as eólicas de terra e mar, com os fazendeiros de soja. Nossas terras e nossos rios são envenenados, assoreados e nossas plantas, nossos peixes e bichos...as mulheres adoecem com alimentos contaminados. Nossa luta é pela permanência do nosso território. Precisamos ter nossos PGTAs,

precisamos ter projetos para garantir o direito dos nossos jovens e de nossas matas e das águas, precisamos dos nossos territórios demarcados e homologados. A proteção da nossa biodiversidade depende da nossa união. Assim nós, as mulheres bioma, lutamos pela demarcação e fiscalização dos nossos territórios e pela defesa da Biodiversidade.

- **Emergência Climática**: O impacto das mudanças climáticas são sentidos pelas mulheres Bioma todos os dias nos corpos territórios. As grandes empresas, indústrias, mineração, hidrelétricas, fazendeiros, garimpeiros e desmatadores ameaçam a vida de todos os seres. A destruição do corpo território é o que traz pobreza para os povos indígenas, pois sem água limpa, sem animais para alimentar, sem terra para plantar não conseguem produzir seu sustento. Os corpos territórios protegem os biomas com seus modos de vida ancestrais e os territórios protegidos são importantes para toda humanidade para barrar o aquecimento global. Nós mulheres biomas sabemos cuidar dos territórios, por isso precisamos das nossas terras demarcadas e protegidas e dizemos Não ao Marco Temporal!
- **Violência de gênero**: Nosso corpo-território está sendo violentado de diversas formas: exploração do trabalho; violação dos territórios indígenas pela mineração, agronegócio, o garimpo; violência religiosa contra lideranças espirituais; violência contra nossas mulheres lideranças, pois sofrem pressão para interromperem o trabalho político e fiquem em casa; violência sexual e estupro; presença e a circulação de homens não indígenas nos territórios traz drogas e violência. O principal desafio para enfrentar essas situações é a falta de uma escuta qualificada do Estado para acolher as mulheres biomas. As delegacias não sabem nos acolher e nos ouvir. As políticas de gênero criadas pelo governo não nos atendem. As secretarias de mulheres nos estados e municípios precisam ter mulheres indígenas elaborando políticas públicas. Para enfrentar a violência, precisamos ocupar e aldear todos os espaços de tomada de decisão na sociedade, desde a comunidade, até o município, estado e país. Criar nossas organizações e associações de mulheres biomas para nos unirmos e lutarmos juntas. Promover o empoderamento das mulheres biomas através do empreendedorismo: fortalecer a produção de artesanato e outras produções das mulheres para termos autonomia. Fortalecer uma rede de mulheres que realizam projetos nos seus territórios, para trocar experiências do que estão fazendo, o que está dando certo, aprender umas com as outras. Realizar uma conferência nacional sobre violência de gênero contra mulheres indígenas.
- **Saúde Mental / acessibilidade**: Gostaríamos de ser atendidas com respeito às nossas diversidades de corpos territórios, por isso precisamos de mais profissionais psicólogos nos territórios, porque em muitas terras existe somente um profissional para atender a demanda de toda a população. Precisamos que os profissionais de saúde que atuem nos territórios sejam indígenas que conheçam

nossas diversidades e respeitem nossa ancestralidade nos atendimentos. As mulheres indígenas reivindicam que o governo se comprometa com envio de medicamentos para os territórios, pois os parentes não podem comprar remédios com os poucos recursos que têm.

- **Educação:** Nós mulheres biomas, preocupadas com a educação como sementes das próximas gerações, queremos: orientação, efetivação e implementação de projetos políticos pedagógicos nas escolas indígenas (educação diferenciada e dentro do território); fortalecimento de ações afirmativas nas universidades; novos concursos para professores indígenas para atuar inclusive em funções de gestão; solução para a falta de professores, merenda, transporte e recursos educativos; melhoria dos salários e condições de trabalho para professores indígenas; Inclusão do ensino médio em territórios indígenas; implementação de uma Secretaria de Educação Indígena dentro do MEC; criação de Universidades Indígenas em todos os biomas e territórios; ensino de autocuidado dentro das escolas; oferta de mais oportunidades de formação continuada; fortalecimento do processo de escuta de professores e alunos indígenas; combate ao preconceito contra professores indígenas; ampliação e distribuição de recursos para as escolas indígenas; instituição do calendário escolar indígena; reformulação do ensino médio e a Base Nacional Comum Curricular em escolas indígenas.
- **Plenária Internacional - Mulheres-água:** As mulheres Água de todo o mundo, se somam com alegria a luta de nós, mulheres ancestrais, na busca pelo reconhecimento de todo o universo que nós somos e compomos, mulheres estudantes, mulheres mães, mulheres filhas, mulheres avós, mulheres sementes, mulheres raízes, mulheres água, mulheres terra, mulheres biomas. Fortalecem nossa luta contra a violência doméstica, sexual, psicológica, política e territorial. As Mulheres-água se unem na luta pela garantia de direitos básicos que nos são negados como educação, saúde e saneamento básico, juntas lutamos por nossos direitos, lutamos contra a perseguição política e morte física de nossos corpos-território temos na ONU e nos órgãos internacionais um instrumento para denúncia e reivindicação dos direitos que nos cabem.
- **Plenária Nacional - Mulheres Sementes:** As mulheres sementes que hoje estão em espaços de poder reafirmam o compromisso de construir política por nós e pelas nossas e contam com o apoio de todas as parentas em cada território, levando sempre suas demandas, construindo e tocando seus conselhos territoriais e somando nessa luta que não é fácil. É importante estar construindo esses espaços e lutando pelas nossas pautas, estando sempre articuladas com o Ministério Indígena, SESAI e FUNAI, centrando a atenção na defesa dos direitos territoriais e no combate às invasões que assolam nosso território. É importante a participação e compromisso de todas as parentas, se envolvendo cada vez mais na política, para que esses espaços tenham nossas cores e escute nossas vozes. A política feita por nós, mulheres guerreiras da ancestralidade, é

feita desde a base é lá que se fortalece, porque é na força de cada guerreira que protege seu território, na força de um rezo, na força dos nossos maracás que a gente encontra a força para seguir lutando pelos nossos direitos. Neste espaço político, estamos lutando para que as políticas públicas cheguem ao território, voltadas à projetos de sustentabilidade, gestão territorial, de defesa da saúde, educação da nossa cultura, e tantas outras. Hoje nós estamos aqui fazendo o nosso papel para o movimento depois de muita luta e contamos com vocês para seguir nossa luta!

- **Tribunal das ancestralidades:** Nosso tribunal das ancestralidades das mulheres biomas teve o tema “as mulheres indígenas em resistência”, e teve testemunhos de seis mulheres de diferentes biomas e regiões do país. Os depoimentos falados em plenária pública apresentaram denúncias das inúmeras violações praticadas contra nós, nossas crianças e idosas, nossas terras, nossos corpos-territórios, nossos modos de vida; contra as águas e matas, os animais, contra a mãe natureza. Os testemunhos falaram também das agressões variadas, como violência física, violência psicológica, estupro dos nossos corpos, de nossas crianças e adolescentes, assassinatos das lideranças indígenas, envenenamento de rios e terras, invasão dos nossos territórios, mineração ilegal, garimpo criminoso; discriminação das nossas crianças nas escolas e dos povos indígenas em geral; violação das nossas áreas sagradas, dos nossos rituais, das nossas crenças, das nossas línguas e nossa cultura. Frente aos depoimentos, o júri considerou o Estado brasileiro culpado ao não cumprir com suas obrigações constitucionais quando ainda hoje, 35 anos após a promulgação da Constituição Federal de 1988, não realizou a demarcação de todas as terras indígenas. Ao negligenciar-se de suas obrigações, o Estado brasileiro facilitou as invasões dos nossos territórios, favoreceu a grilagem e a prática ilegal de garimpo, por consequência, a destruição dos nossos biomas, vulnerabilizando os povos indígenas, em especial, nós, mulheres sementes, nossas crianças e nossas anciãs. Por tudo isso, dizemos, o Estado brasileiro é culpado e nos deve reparação histórica; nos deve a demarcação, nos deve a proteção e tudo mais que a Constituição estabelece.
- **Fortalecimento entre elas e para elas:** Nós mulheres lideranças dos movimentos sociais presentes nessa mesa somamos forças com as mulheres bioma – guerreiras da ancestralidade, reafirmando a importância de nos unirmos na luta contra a violência de gênero, que viola nossos corpos território, contra o descaso do Governo que coloca em risco nossos territórios, nossa biodiversidade, nossa tradição e cultura. Precisamos nos unir, fortalecendo a luta de nossas companheiras e nos unindo diante das pautas coletivas. Denunciamos continuamente, a insegurança alimentar e a insegurança de nossas vidas e nossos corpos territórios. Lutamos pela garantia e efetivação dos nossos direitos, garantindo a liberdade, segurança alimentar, segurança física, segurança emocional e psicológica a todas as mulheres, precisamos garantir que os direitos

já conquistados se efetivem e não se restrinjam apenas ao papel, porque enquanto existir violência de gênero nós não teremos paz nem descanso e por isso, as mulheres lideranças somam força com o movimento das mulheres biomas para exigir que governo e os órgãos responsáveis construam políticas pensadas junto de nós e para nós e mais, que fiscalizem a implementação dessas políticas, garantindo nossos direitos.

- **A Bancada do Cocar e as Mulheres Biomas na Política:** É fundamental que nós, mulheres biomas, possamos unir forças para disputar o projeto político que queremos nas próximas eleições, porque é esse espaço que tem decidido por nós e sobre nossos corpos - territórios. E é por isso, que precisamos que os/as nossos parentes/as que estão aqui hoje e os/as que ficaram nas aldeias apoiem as nossas candidaturas nas bases. Temos o potencial de eleger muitas vereadoras, prefeitas, deputadas a até senadoras, mas para isso, é necessário ter o fortalecimento coletivo das mulheres indígenas nos espaços da política. Precisamos de apoio financeiro para a construção das campanhas, apoio nas urnas, com os votos de cada uma de vocês, promovendo e divulgando as candidaturas nas redes sociais. Além disso, precisamos lutar para que os partidos tenham cotas eleitorais para nós mulheres indígenas e recursos adequados para as campanhas, pois a nossa campanha se faz no chão das aldeias, nos territórios indígenas. A formação política de nossas candidaturas de mulheres indígenas exige esforços cotidianos, somados a uma leitura real do contexto que vivenciamos nas aldeias e dos desafios postos na conjuntura atual no âmbito das disputas eleitorais. É urgente Aldear a Política!